

# Um menino chamado Jesus



» JOSÉ SARNEY  
Ex-presidente da República,  
escritor e imortal da Academia  
Brasileira de Letras



criados por Deus, presos entre a vida e a morte. Deu-nos outra regra que é a síntese de todos os compêndios de conduta ética: “Não façam aos outros aquilo que não querem que te façam.” E ainda: “Amai-vos uns aos outros.”

Eu ainda vivi, menino, no interior do Maranhão, entre luzes de candeeiros e velas de devoção, o Natal bíblico. Todos reunidos à meia-noite, rezando, meu avô de Bíblia na mão, lendo os textos sagrados anunciando a vinda do Salvador. A Missa do Galo, numa pequena igreja, onde todos se conheciam, ouvindo aquele sino pobre e solitário, na escuridão da praça,

sem outras luzes senão as das estrelas. Esperando acordar no outro dia e encontrar, de baixo da rede, o presente de Papai Noel. Um tambor artesanal de lata, pintado, vendido pelo funileiro da cidade. Um cavalo de madeira tosca feito pelo santeiro escultor, pintado de azul, com bolas brancas.

Vejo os brinquedos eletrônicos de hoje. A maravilha dos monstros dinossauros que as crianças adoram. Mas nada mais belo, ninguém mais feliz do que nós, meninos dos tempos dos tambores de lata e barquinhos de buriú.

Depois, é a marcha da eternidade. Uma geração de tantas transformações. A pergunta de Machado de Assis é quase lugar-comum, tantas vezes citada, mas é pertinente: “Mudou o Natal ou mudei eu?” Mudou o Natal. O homem não mudou. Continua sendo aquilo que Irven Devore dizia: um caçador. Outrora, atrás da presa, hoje caçando sonhos.

Caçar sonhos é uma grande proposta nestes dias de festa, depois de Natal e fim de ano. Ver um Brasil sem desemprego, sem miséria, sem pobreza, sem violência. Um país unido, numa conduta cristã, a ética de uma vida em que o homem não seja o lobo do homem.

É possível? Tudo pode acontecer em nossa imaginação, no poder da esperança. E quem quiser ter esperança venha a São Luís e acompanhe a Natalina da Paixão, cantando: “Vem, Jesus Cristinho / Vem, Jesus Menino”.

E Ele vem.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circacunha.df@dabr.com.br

## O cordão umbilical com o dólar

É sabido que as reservas internacionais do Brasil, muito mais do que uma medida monetária e obrigatória, servem para ocasiões em que a economia começa a dar sinais de colapsar. Atualmente, as reservas brasileiras em moeda ou ativos estrangeiros giram em torno de US\$ 362 bilhões. Esse tipo de poupança serve ainda para o pagamento de dívidas e para o cumprimento de obrigações estrangeiras. De acordo com técnicos do Banco Central (BC), essas reservas internacionais podem ser utilizadas para assegurar maior estabilidade em caso de crises cambiais e nas mudanças de fluxo de capital. No caso das crises cambiais, o BC vendeu recentemente mais de US\$ 21 bilhões para segurar a alta do dólar. Trata-se da maior intervenção feita pelo banco desde 2020.

Desde 2022, o BC vem realizando seguidos leilões de dólar para conter a subida constante da moeda americana. Com o dólar já ultrapassando a casa dos R\$ 6, as intervenções do BC têm sido quase que uma rotina. Muito além do que propaga o governo, a alta do dólar não tem ocorrido por ações ou ataques especulativos contra o real. A questão é mais séria e tem sido motivo de várias narrativas por parte do Executivo. O problema não está fora, mas dentro do governo, sobretudo com relação à trajetória crescente de endividamento, à desconfiança do mercado quanto à má gestão das finanças públicas, aos gastos excessivos, além das medidas tímidas apresentadas no pacote de gastos anunciado nesses dias.

Ocorre que, para estancar a sangria da economia nacional, a maioria dos analistas previa um conjunto de cortes superior a R\$ 250 bilhões. O governo apresentou um conjunto de menos de R\$ 30 bilhões para estabilizar a relação dívida/PIB. Com isso, o equilíbrio fiscal ficou a menos de meio caminho. O governo, como é de praxe, colocou a culpa na especulação do mercado e nos memes que corriam pelas mídias sociais. Nada mais fantasioso. O que existe de fato é uma crise econômica derivada de incertezas na política. Os investidores sabem disso melhor até que o próprio governo. O governo, nessa questão, segue insistindo na construção de narrativas, como se esse tipo de recurso pudesse ser absorvido pelo mercado.

O Palácio do Planalto chegou, inclusive, a falar em perseguição política para justificar a situação deplorável da economia do país. O mercado, obviamente, não acredita nem aposta um centavo nas políticas econômicas do atual governo. Há, sim, uma crise de credibilidade, e isso é ruim para a economia. O mercado e os investidores não prestam a atenção no que é dito, mas no que é realizado de concreto. Discursos, a essa altura dos acontecimentos, de nada adiantam. O único fator externo ao governo e no qual ele nada pode interferir vem dos Estados Unidos e do banco central de lá, o FED, que anunciou alta nas taxas de juros e, com isso, reforçou ainda mais o poder do dólar.

Não fossem esses problemas de enormes consequências para o futuro da estabilidade econômica do país, a insistência do governo em misturar, na contabilidade fiscal do Brasil, ingredientes de natureza puramente ideológicos, impostos tanto pelo partido no poder quanto pelo próprio voluntarismo do presidente, vai empurrando o Brasil para uma espécie de recessão igual à herdada no governo Dilma. Exemplo desses impulsos irracionais e totalmente orientados pela política partidária pode ser conferido no alinhamento automático do nosso país ao governo de Pequim, mais precisamente ao Partido Comunista Chinês (PCC), para se contrapor aos Estados Unidos.

Não por outra razão, nossas reservas internacionais contabilizam mais de 124 bilhões de yuans, a moeda daquele país. Segundo dizem, foi o próprio presidente Lula que teria insistido na adoção da moeda chinesa nas transações. Para alguns economistas, essa é uma aposta pra lá de arriscada. Há quem fale, inclusive, que essas são moedas podres, cujo lastro é dado pelo que decide o PCC chinês, e não com relação à situação real e econômica daquele país.

Essa preocupação se prende ao fato de que ninguém sabe ao certo o que acontece na China e quais os projetos que alimenta para o futuro. Essa ideia fixa das esquerdas de cortar o cordão umbilical com o dólar significa unicamente alinhar o real às manobras políticas de Pequim, cuja amizade pelo Ocidente é apenas uma fachada. Já chegam a 20% ou mais o volume de reservas internacionais com moedas outras que não o dólar.

O fato é que nem mesmo em locais como a Feira dos Importados de Brasília, onde há grande quantidade de lojistas chineses, o yuan é aceito. Basta observar que figura histórica está estampada nas notas chinesas. Na de 1 yuan está a figura de Mao Tse-Tung (1893-1976), que segundo os historiadores é responsável direto por cerca de 70 milhões de mortes de chineses, num período de grande sofrimento na história da China, quando mandava assassinar todo e qualquer opositorista.

### » A frase que foi pronunciada:

“A ante-economia chinesa tem como meta principal derrubar todos os grandes lucros de todos os monopólios internacionais. Não para baratear os custos dos produtos e serviços, mas para expandir o caos e desestabilizar os conceitos de todo o mundo globalizado.”

Ricardo Vianna. Barradas

### » História de Brasília

A carreira do sr. Sette Câmara na vida pública e na vida diplomática tem sido um exemplo a ser seguido. A pecha de carreirista, que lhe foi dada pelo sr. Hélio Fernandes merece apenas uma resposta, para quem conhece os dois: a gargalhada. (Publicada em 25/4/1962)

## O futuro começa hoje: o desafio da vanguarda



» DÉLIO LINS E SILVA JR.  
Presidente da Seccional do  
Distrito Federal da Ordem dos  
Advogados do Brasil (gestões  
2019-2021 e 2022-2024),  
será conselheiro federal  
na próxima gestão

também a celebração dos 65 anos da nossa querida instituição. A posse festiva da nova gestão acontecerá em 3 de fevereiro, oportunidade ímpar para agradecer a todos que contribuíram para o sucesso das gestões anteriores e para dar as boas-vindas aos novos times da OAB/DF, da Caixa de Assistência (CAADF), das 14 Subseções, da Escola Superior de Advocacia (ESA/DF) e do Clube da Advocacia.

Desde o início, juntamente com esses rituais de passagem de gestão, agiremos para que a advocacia do século 21 esteja preparada para as rápidas transformações tecnológicas e sociais.

Ao longo do triênio 2025-2027, expandiremos a rede de atendimento do Sistema OAB/DF, com a inauguração de novas sedes de Subseções e do “Meu Escritório”, levando os serviços da OAB/DF para ainda mais perto da advocacia de todo o Distrito Federal.

Seguiremos fortalecendo quem inicia na carreira, com a criação da Agência de Desenvolvimento da Jovem Advocacia, oferecendo apoio, capacitação e oportunidades de desenvolvimento. O Programa da Advocacia Dativa ganhará ainda mais impulso.

Defenderemos, com mais vigor, os honorários justos, o cumprimento do piso salarial da categoria e a garantia das prerrogativas. Combateremos o superendividamento em nosso meio profissional, por meio de um núcleo especializado e de mutirões de conciliação, para auxiliar aqueles que enfrentam dificuldades financeiras.

Na capacitação continuada, oferecemos cursos gratuitos e daremos ênfase ao Programa Residência Jurídica, promovendo a atualização profissional e o networking entre os advogados. Estaremos comprometidos, ainda mais do que antes, com as pautas das mulheres advogadas, da advocacia negra, da igualdade de tratamento de toda advocacia e da

valorização da carteira profissional.

Em parceria com a CAADF, ampliaremos a oferta de serviços visando o bem-estar da advocacia. Promoveremos a saúde mental e física dos profissionais colegas, além de oferecer campanhas de vacinação e planos de saúde com preços especiais.

Entre os benefícios para a advocacia, manteremos a anuidade mais baixa do país para os iniciantes e a isenção de 50% da anuidade para advogadas mães, no ano do parto ou da adoção.

Estaremos ao lado de outras entidades representativas da advocacia em lutas de interesse corporativo e da sociedade no Congresso Nacional. Atuaremos sempre em consonância com os valores democráticos que nos fundam como nação.

A defesa dos interesses do Distrito Federal, especificamente, nos terá como aliados de primeira hora em questões essenciais — como nos manifestamos pela manutenção do Fundo Constitucional do Distrito Federal (FCDF).

Defenderemos os direitos de pessoas com deficiência, autistas, crianças e adolescentes, idosos e demais grupos vulneráveis. Lutaremos por mais segurança, respeito aos direitos humanos, mobilidade urbana, saúde, habitação e por todas as causas sociais que impulsionam nossa luta pela cidadania. Esse é um rol exemplificativo, pois sabemos o infinito de questões que nos exigem atenção.

Ao encerrarmos a atual gestão e darmos início à próxima jornada, reafirmamos que a OAB/DF é a casa de toda a advocacia. Convidamos a todos e todas a continuarem participando ativamente de nossas iniciativas, para que, em conjunto, possamos construir um futuro ainda mais promissor para os profissionais e para a sociedade. Juntos, somos mais fortes e podemos alcançar grandes realizações! Felizes festas! Até 2025!

## Freada de arrumação



» ORLANDO THOMÉ  
CORDEIRO  
Consultor em estratégia

dos governos anteriores do PT. É preciso lembrar que, segundo as pesquisas da Quaest em 2018, parte dos liberais sociais votou em Bolsonaro em 2018 e não se trata de eleitor fiel de nenhum dos lados”.

Já eleito, Lula inicia a leitura de seu primeiro discurso da seguinte forma: “Chegamos ao final de uma das mais importantes eleições da nossa história. Uma eleição que colocou frente a frente dois projetos opostos de país, e que hoje tem um único e grande vencedor: o povo brasileiro. Esta não é uma vitória minha, nem do PT, nem dos partidos que me apoiaram nessa campanha. É a vitória de um imenso movimento democrático que se formou, acima dos partidos políticos, dos interesses pessoais e das ideologias, para que a democracia saísse vencedora. Neste 30 de outubro histórico, a maioria do povo brasileiro deixou bem claro que deseja mais, e não menos, democracia. Deseja mais, e não menos, inclusão social e oportunidades para todos. Deseja mais, e não menos, respeito e entendimento entre os brasileiros. Em suma, deseja mais, e não menos liberdade, igualdade e fraternidade em nosso país”.

Passados dois anos, pode-se afirmar que a expectativa positiva trazida por essas palavras foi sendo esvanecida por declarações de improviso e por diversas tentativas de reproduzir um modelo de governança exercido em seus dois primeiros mandatos, como ficou patente na montagem de seu ministério. Ainda que seja legítimo e indiscutível reconhecer seu direito, como vitorioso, de querer traduzir em ações governamentais suas propostas de candidato, o limite condicionante de sua vitória, a tal frente ampla, acabou sendo menosprezado ou mesmo desprezado em alguns casos

A OAB/DF se encontra em momento de transição, fundamentado no legado dos últimos seis anos e o pensamento focado no futuro. Ao olhar para o que se fez, celebramos conquistas significativas, como a implementação da paridade entre homens e mulheres e das cotas raciais, a ampliação da participação das Subseções e a modernização dos serviços prestados à advocacia, além da defesa intransigente das prerrogativas.

Compreendemos que o desafio de se manter na vanguarda nos exige pensar como alguém que vive no futuro. As duas últimas gestões foram marcadas por desafios e conquistas. Enfrentamos crises como a pandemia de covid-19 e os ataques às sedes dos Poderes, em Brasília, demonstrando nossa resiliência e capacidade de superar problemas graves e complexos. Essas experiências nos fortaleceram e nos prepararam para o futuro que se avizinha.

Olhando para frente, a OAB/DF se compromete a fortalecer ainda mais a defesa da advocacia, promover a justiça social e garantir os direitos humanos. Trabalharemos incansavelmente para construir uma sociedade de mais justa e inclusiva, onde todos tenham acesso à justiça.

Portanto, em 1º de janeiro de 2025, daremos início a uma nova etapa da OAB/DF, marcando

Há dois anos, nesta data, Lula estava às vésperas de tomar posse para seu terceiro mandato, depois de uma vitória eleitoral absolutamente apertada. É sempre bom recorrer aos dados trazidos por Felipe Nunes e Thomas Trauman em seu livro *Biografia do abismo*. Ali fica comprovado que a vitória eleitoral de Lula só foi possível pelo crescimento de sua votação na região Sudeste, já que nas demais regiões do país o percentual obtido historicamente por ele e pelo PT se manteve no mesmo patamar. Adicionalmente, ao fazerem a segmentação da origem dos votos de Lula, indicam que 8% foram de petistas, 10% de setores progressistas, 30% das classes D/E e 3% de liberais.

Afirmam os autores: “Embora numericamente menor, o último grupo que constituiu a base lulista em 2022 teve importância simbólica. Os “liberais sociais”, representados pelo apoio de Simone Tebet e dos economistas liberais no segundo turno, deram à candidatura de Lula a imagem de uma frente ampla a favor da democracia. Embora esse grupo corresponda a apenas 3% do eleitorado, sua influência na mídia, no empresariado e no Judiciário é notável. Depois do fracasso na montagem de um candidato viável na terceira via, os liberais sociais foram decisivos para a vitória de Lula, justamente por serem críticos públicos